



## Chamada de Trabalhos

V. 19, nº 3, dezembro de 2023

### Jornalismo Militante, Ativista e de Combate

*Editores: Denis Ruellan (Sorbonne Université, França), Salvador De León (Universidad Autónoma de Aguascalientes, México) e Rogério Christofolletti (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)*

Uma das ideias mais difundidas e cristalizadas nas redações é a de que jornalistas não devem interferir nos acontecimentos que narram. Afirmações de que repórteres devem suspender suas ideologias, sentimentos e idiossincrasias quando estiverem contando os fatos, e que os fatos devem falar por si mesmos contribuíram para esta noção. Estão na base dessa mentalidade a suposição de que os acontecimentos da vida cotidiana podem se impor diretamente para a sociedade, sem mediação, interpretação prévia e outros desvios. Também fundamental essa mesma mentalidade a pretensão de que jornalistas são capazes de sublimar julgamentos pessoais e neutralizar suas subjetividades, por conveniência e por completo.

Historicamente, essa não-interferência ajudou a esculpir e a sustentar conceitos importantes para o jornalismo, como os de isenção e imparcialidade. Com isso, as mentes nas redações e o senso comum alimentaram um imaginário coletivo incomum: jornalistas ocupariam um não-lugar diante das cenas e dos sujeitos que desfilam pela história e pela vida social. Mais recentemente, esses pilares da catedral jornalística têm sido sacudidos por reações de dentro das redações, das audiências e dos cientistas da área.

Esta chamada de artigos da **Brazilian Journalism Research** encoraja justamente este debate, tenso e contributivo para a evolução do jornalismo e da sua compreensão geral. Como esta discussão também foi objeto do Encontro Internacional Jornalismo & Combate, realizado recentemente em Bordeaux (França), comunicações apresentadas ao evento podem ser submetidas a esta edição.

A este dossiê interessa discutir ações individuais e coletivas que ilustram como organizações jornalísticas e profissionais deslocam-se desse outrora desejado não-lugar para posições bem demarcadas e incidentes na vida pública. É o caso de grandes investigações jornalísticas como a dos Pandora Papers (2021), empreendida pelo Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos e que reuniu cerca de 600 jornalistas e 150 meios de comunicação para examinar quase 12 milhões de documentos, contrariando a lógica competitiva e adversarial do mercado jornalístico. É o caso da Mídia Ninja, no Brasil, que adotou postura midiativista e de intensa colaboração com comunidades de não-jornalistas para coberturas de impacto social (Martinez e Persichetti, 2015;

Landesman, Davis 2018). É o caso de veículos de nicho que abraçam causas, como o ambientalismo, a defesa intransigente dos direitos humanos, o combate à desigualdade social, a equidade étnico-racial e de gênero, e outras pautas identitárias.

A militância e o ativismo ressurgem na paisagem na forma de um jornalismo comprometido e integrado, muitas vezes performático para as comunidades das quais é porta-voz. Diante dos muitos tensionamentos sociais, a tomada de posição abandona a condição de pecado deontológico e passa a ser distintivo de coragem, consciência e integridade profissional. Em alguns casos, a incorporação de causas transcende o escopo de uma política individual e passa a integrar as linhas editoriais dessas organizações, tentando substituir as velhas colunas de sustentação do jornalismo. A pauta se torna uma arma de combate no jornalismo (Moraes, 2022), transparência e *accountability* ajudam a reforçar o arsenal da democracia (Bertrand, 1999), o fotojornalismo denuncia o sofrimento dos invisíveis no mundo (Sontag, 2003), repórteres são confrontados a se posicionar (Russell, 2016) e o inconformismo se converte em motor de arranque para questionar práticas antes tão domesticadas, como a das coberturas de guerra (Maurin, 2009; Brogniez, 2011; Bizimana, 2014).

Com o objetivo de contribuir para o alargamento das discussões que esse tema suscita, este dossiê da BJR convida os pesquisadores a responder perguntas como as seguintes:

- Assumir posições enfatiza no jornalismo uma nova arena de combates internos?
- Jornalismo e ativismo são compatíveis em todos os contextos?
- Quando são aceitáveis posturas de militância no exercício jornalístico?
- Se os jornalistas abandonarem suas tradicionais regras de imparcialidade e neutralidade, o que vai garantir que suas ações e decisões de cobertura sejam legítimas?
- As audiências vão compreender e aceitar os valores que sustentam essas decisões?
- Repórteres e editores estão preparados para atuar como ativistas? Estão dispostos a fazê-lo?
- O ativismo motiva reformas éticas e deontológicas na profissão jornalística?
- Como estruturas organizacionais tão engessadas respondem a esses movimentos?
- Como reagem outros stakeholders diante dessas novas posturas?

Este dossiê aceita artigos originais que ofereçam teorizações e discussões conceituais, formulações práticas e reflexivas, estudos de caso, mapeamentos de iniciativas, descrições e projeções de cenários, entre outras contribuições.

Os artigos devem ter entre 40 mil e 55 mil caracteres com espaços, e podem ser submetidos em português, espanhol, francês e inglês. Autores de artigos aceitos nos três primeiros idiomas devem também fornecer uma versão em inglês.

Textos devem ser enviados exclusivamente pelo sistema eletrônico SEER/OJS, disponível no site da revista: <http://bjr.sbpjor.org.br>

Em caso de dúvida, enviar e-mail para [bjreditor@gmail.com](mailto:bjreditor@gmail.com)

As diretrizes para formatação dos textos estão em:

<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/about/submissions>

**Datas importantes desta edição:**

Envio dos artigos: até 31 de março de 2023.

Aceite dos aprovados: até 30 de agosto de 2023.

Publicação da edição: até 31 de dezembro de 2023.

**Referências Bibliográficas**

BERTRAND, C. J. L'arsenal de la démocratie: médias, déontologie et M\* A\* R\* S. Economica, 1999.

BIZIMANA, A. J. Le dispositif embedding: surveillance et intégration des journalistes en Irak. PUQ, 2014.

BROGNIEZ, L. Une odyssee en 1860. Dumas «embarqué» : du voyage au reportage. *Gigante C. & Van den Berghe D. (dir.), Il romanzo del Risorgimento*. Bruxelles: P.I.E. Peter Lang, 2011.

LANDESMAN, T., & DAVIS, S. Cracks and reformations in the Brazilian mediascape: Mídia NINJA, radical citizen journalism, and resistance in Rio de Janeiro. *Protests in the Information Age*, 56-72, 2008.

MAURIN, J.-L.. *Combattre et informer L'armée française pendant la première guerre mondiale*. Ploemeur: Editions Codex, 2009.

MARTINEZ, M., & PERSICHETTI, S. Mídia Ninja: a narrativa fotojornalística brasileira na era digital. *Líbero*, (35), 55-64, 2016.

MORAES, F. A pauta é uma arma de combate. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

RUSSEL, A. Journalism as activism: recoding media power. Cambridge: Polity Press, 2016.